



## (RE)ENCONTROS COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Fabiane Cristina Gonçalves Martins – Café com Paulo Freire Inconfidentes/MG<sup>1</sup>

**RESUMO:** A carta a Paulo Freire expressa um desejo antigo de me aproximar dele. Nela comento sobre minha vida e formação, dialogando com alguns dos seus conceitos presentes em sua obra *Pedagogia do oprimido*, estudada no Programa de Pós-graduação em Educação da UFOP. Reflito com ele a leitura do mundo, do nosso mundo incerto, fluido e cheio de percalços para com ele esperar a educação humana e humanizadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pedagogia do oprimido; Esperançar; Educação Humanizadora

Caro Paulo,

Antes, permita-me dizer o quanto você tem sido necessário atualmente! Quem dera, pudéssemos conversar com você sobre a “Educação e atualidade brasileira”<sup>2</sup>. Na impossibilidade, te escrevo essas breves linhas para compartilhar algumas denúncias e, em seguida, alguns anúncios. Talvez você não se surpreenda, mas, enquanto professora da Educação Básica, avalio que estamos vivendo a época da ditadura das avaliações externas na educação. Enquanto educadoras, somos impulsionadas a tratar a educação de crianças e adolescentes na baliza do *ranking* da melhor escola e da melhor nota. Cada dia é uma luta para mantermos nossa ‘pedagogia da autonomia’.

Perguntamos onde ficam a ‘leitura do mundo e a leitura da palavra’ no nosso cotidiano escolar. Levando em conta que aquela – a leitura do mundo – diz respeito às aproximações e sensibilizações por meio do estar no mundo e que essa busca o sentido para além da decodificação da escrita, como partilhar o sentido ampliado da ‘*palavra-mundo*’<sup>3</sup> com as futuras gerações? Concordo com você quanto ao fato de que a leitura da palavra é exigente! Sim, Paulo, digo exigente porque penso que ler é uma ação complexa, relacional e, sobretudo, gratificante. Essa atitude difere, em muito, da

---

<sup>1</sup> Café com Paulo Freire dos Inconfidentes é uma atividade do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>2</sup> Em alusão à Tese de Concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco (1959) escrita por Paulo Freire.

<sup>3</sup> Para Freire, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. (FREIRE, 2006, p. 15).



educação condensada e depositada, que você tanto nos chamou a atenção para termos cuidado e não nos deixarmos levar pelas abordagens fechadas e intransitivas.

Em momentos históricos como este, de profundas indagações e muitas incertezas, nada mais oportuno que revisitar *Pedagogia do oprimido*. É com alegria que compartilho com você que sua obra voltou a ser estudada na disciplina *Paulo Freire*, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. Esse é o meu anúncio. É deste lugar de estudos que retomo sua obra mais densa, a meu ver.

Ler e estudar *Pedagogia do oprimido*, em um momento em que a esperança não pode faltar, confesso que foi um alento! Bom, preciso comentar também que, antes do encontro com você na disciplina, eu pensava a questão da opressão e do oprimido por outro viés, talvez um pouco mais mecânico, pensando o significado estrito das palavras. Hoje, avalio que as reflexões que fizemos na disciplina foram muito importantes para que eu pudesse me aproximar do seu pensamento e apreender os conceitos 'opressor' e 'oprimido' com outras chaves de leitura e olhares.

Já de entrada, você nos brinda com as palavras *humanização* e *humanizado*. Não pude deixar de relacionar *humanização* com o constituir-se sujeito de direito do aprender. Sempre me vejo pensando sobre a importância da condição ontológica do ser, quando, em alguma situação, ela é solapada, ele se pensa menos e deixa de acessar seus direitos. Um exemplo de aviltamento é o que acontece com o sujeito da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que tem seus direitos negados reiteradamente. Falo por experiência própria, sabe, Paulo. Conclui a Educação Básica na EJA, fiz Pedagogia em uma Universidade Federal e, nela mesmo, pós graduei-me Mestra em Educação, estudando a gestão na EJA, não por acaso. Foram "muitos percalços" nessa trajetória escolar, como disse Isamara Coura (2007, p. 73). A autora dedicou-se a conhecer os liames que condicionam os estudos de jovens, adultos e idosos, como eu fui, não como desinteresse ou incompetência e, sim, dificuldades outras.

Entendo cada vez mais que a leitura de mundo nos é fundamental porque, sem ela, como entender os contextos todos codificados, não é? Descrever e entender os contextos, as forças e os condicionantes que atuam sobre eles, também nos permite agir de várias maneiras impedindo nossa coisificação. Sei que você me diria



novamente que devemos “*ser mais*”<sup>4</sup>, porque a história não acabou enquanto estamos fazendo e refazendo-a a cada dia.

Quando me vejo e vejo a escola, o/a educador/a, o/a estudante sou levada a pensar a relação que estabelecemos em constante movimento: ora dialógica, ora antidialógica. Entendo, perfeitamente, que tal flutuação não colabora com a nossa formação como sujeitos humanos e humanizantes, humanizando o mundo, que pode ser interrompida quando não podemos dizer a sua palavra, afinal, a linguagem é o que nos aproxima, mas também a que nos retrai quando desencoraja aqueles e aquelas que não são legitimados. Então, não se trata de ‘dar a palavra’ porque todos/as a têm, mas possibilitar a manifestação do outro, a escuta autêntica, afetiva que corresponda a uma práxis autêntica também.

Não é fácil recuperar esse estado de relação na educação, Paulo. Talvez, penso eu, devido ao exíguo diálogo curioso em nossa sociedade mais ligada no produto do que no processo, no *ranking* entre pares, no descaso com a educação para todos, não sei, são tantos fatores... São tantos caminhos a que uma argumentação pode chegar, enfim, não quero me afastar do que começamos a conversar. No final, entendo que você nos deixou o diálogo o qual permite uma construção conjunta dos saberes, e não uma prova externa de medição ou uma educação para pessoas jovens e adultas, suprimindo aquilo que se pensa que essa parcela da população deixou de aprender.

Como podemos, não é, Paulo, deixar que valores outros, pouco humanizadores, como capital e mercado, tomem conta de nossa preciosa área educacional, tornem o ambiente escolar e o trabalho professoral hiper legislado por avaliações, currículos, material didático entre outros, quando apregoam que todos são iguais e com as mesmas possibilidades e com os mesmos acessos? Cabe a pergunta, se assim o fosse, haveria a condição oprimida? Importante ‘*esperança*’, não é?

Ao *esperançar* momentos melhores para a educação, aprendi com você que é preciso esperá-la em marcha. Em uma marcha que liberta justamente por ser esperança e não estagnação. O conceito de liberdade é sempre polissêmico. Vejo que você o empregou em diferentes momentos de seus escritos e na sua perspectiva, a

---

<sup>4</sup> “Ser mais” para Paulo Freire é uma vocação humana. Homens e Mulheres, por se saberem inconclusos, buscam ser mais. O termo está presente em *Pedagogia do oprimido*.



liberdade está ligada à consciência do sujeito histórico – tanto que as pessoas chegam a ter medo dessa liberdade.

Um estudante jovem ou adulto, por exemplo, ao estudar e apreender determinados conhecimentos que a humanidade produziu, pode se sentir livre para falar, pensar ou debater com diferentes audiências. Afinal, o ‘ato de estudar é revolucionário’, como diz você. Por isso mesmo, a liberdade autêntica não precisa ser dada e não precisa ser pedida a ninguém.

Com essas reflexões, chego à conclusão de que o diálogo na disciplina *Paulo Freire* nos levou (e me levou, particularmente) a compreender a educação como prática da liberdade, em triangulação com dois aspectos, pelo menos: a liberdade de escolha e a transformação social.

Finalizando, Paulo, deixo meu afetuoso abraço cheio de agradecimentos pelas reflexões que seus escritos me proporcionam. Até mais!

Fabiane

## REFERÊNCIAS

COURA, Isamara Grazielle Martins. **A terceira idade na educação de jovens e adultos:** expectativas e motivações. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 42ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira.** 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora; Instituto Paulo Freire, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 47ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.